

A SUBVERSÃO COMO ARGUMENTO E COMO PRÁTICA DA SEXUALIDADE – GÊNERO, CORPO E TEORIA QUEER

Regina Trindade Lopes; Ana Maria Pereira

Centro Universitário Cesmac, reginatri@gmail.com; Instituto Feminista Jarede Viana, anapereira30@yahoo.com.br

Resumo

O objetivo deste artigo é percorrer os caminhos que fundamentam o nosso imaginário sobre uma sexualidade normatizada e que para ser compreendida exige articulação com a questão de gênero e com as abordagens que reivindicam espaços antes obscurecidos por um discurso que interdita e silencia o que tentamos denominar por sexo/sexualidade/corpo – categorias analíticas colonizadas pela categoria gênero. Para tanto, dialogamos com a teoria foucaultiana através dos discursos e da construção das linguagens enquanto metáfora do poder. Subverter os argumentos antes normalizadores requer uma imersão em terrenos moveidões dos arranjos linguísticos que conformam a ordem compulsória da heteronormatividade e do discurso tecnocapitalista.

Palavras-chave: Sexualidades; Gêneros; Teoria Queer; Discursos; Subversão

INTRODUÇÃO

Quando falamos em sexualidade é inevitável não problematizarmos a questão de gênero e reconhecermos o movimento que tende a desfazê-la, libertando-a de todas as correntes que tornam contraditórios justamente os discursos que o fundamenta. Foi possível perceber diante da leitura foucaultiana a construção dos dispositivos de poder como elemento fundante do projeto discursivo que transveste a fábula da visibilidade sexual com as velhas engrenagens da repressão às múltiplas expressões da sexualidade. No primeiro momento, trazemos reflexões a partir de Foucault (1988; 2004; 1992) acerca dos ditos e interditos da sexualidade. Diante deste enlace articulamos suas indagações com o legado da questão de gênero. No terceiro momento, situamos a centralidade dos estudos da teoria *queer* para análise crítica da sexualidade e dos desejos e as contribuições acerca da performatividade e da ideia da farmacopornografia como linguagens discursivas do poder. Para finalizar, salientamos os usos dos sentidos e das linguagens como constitutivas das relações de poder e da emergência por uma prática antinormalizadora, portanto subversiva, postuladas pelas autoras Judith Butler e Beatriz Preciado.

METODOLOGIA

No tocante ao processo metodológico, este artigo teve por base a revisão bibliográfica com os seguintes referenciais: Michel Foucault, Judith Butcher, Beatriz Preciado, Simone de Beauvoir, Jane Flax, Helleieth Saffioti e outras, que dialogam com categorias abordadas – sexualidade, gênero, poder, dominação, teoria *queer*. Mas também articulando às nossas vivências como militantes e pesquisadoras de movimentos LGBTI.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A sexualidade aferida por Foucault (1998) só pode ser compreendida dentro de um jogo que extrapola o interdito e expõe o sexo numa relação entre o desejo pelo prazer e também pelo saber. O mesmo saber que alimenta a vontade de verdade carrega em si os mesmos dispositivos de poder que outrora o interditou e que agora o torna uma categoria analítica. A necessidade de visibilizar o sexo como fábula faz parte do que Foucault definiu por “jurídico-discursiva”, instituindo uma nova forma de conceber a repressão e a lei sobre o desejo. Em ambas, a relação sempre será negativa por seu caráter de descontinuidade diante da presença da norma: não pode, não é permitido, não visibilize¹³ conjugam três elementos fundamentais para o domínio (poder) do discurso: a lei, a regra e a linguagem.

O disposto da sexualidade está emaranhado em correlações de forças que define o poder para além do ponto central, fixado, mas que se reproduz em toda parte por sua capacidade estratégica de incluir o adverso, o instável e descentrar a relação binária acerca da dominação. Agora, além da multiplicidade, o poder expõe sua capacidade móvel que potencializa seus alcances em micro espaços e relações antes organizadas para combater aquilo que estava situado para fora e distante do núcleo duro. Afinal, se em todos os espaços e relações existem poder, como lidamos com este “novo” elemento que descortina e descentra os antigos discursos? É dentro desta perspectiva que Judith Butler e Beatriz Preciado situam seus discursos sobre a apreensão dos corpos e do sexo em suas múltiplas faces e possibilidades.

Quando falamos em sexualidade é inevitável não problematizarmos a questão de gênero e reconhecermos o movimento que tende a desfazê-la, libertando-a de todas as correntes que tornam contraditórios justamente os discursos que o fundamenta. Foi possível perceber diante da leitura

foucaultiana a construção dos dispositivos de poder como elemento fundante do projeto discursivo que transveste a fábula da visibilidade sexual com as velhas engrenagens da repressão às múltiplas expressões da sexualidade.

A questão de gênero foi discutida desde sua concepção (BEAUVOIR, 1949 e 1980) numa reflexão crítica sobre a construção do ser homem e do ser mulher numa sociedade genuinamente patriarcal e por isso produtora de comportamentos sexistas (SAFFIOTI, 1987 e 2004), passando pelo enfrentamento da dicotomia entre sexo e gênero, masculinidade e feminilidades (STOLLER, 1968 e 1993), e a apropriação do gênero como categoria útil de análise histórica (RUBIN, 1993; SCOTT, 1990), ao reconhecê-la não só como constitutiva das relações sociais, mas essencialmente como engendradora das relações de poder.

A emergência pelo desmonte da heteronormatividade traz para as margens à necessária problematização dos conceitos de corpo e de sexo que foram subsumidos pelo conceito de gênero (NICHOLSON, 2000). Butler (2003), entretanto, vai mais além quando busca historicizar os conceitos antes marginalizados – sexo e corpo – dentro da teoria feminista, inferindo que tanto o gênero quanto o sexo e o corpo são construções, estabelecidas por uma ordem compulsória, subvertendo um discurso que persiste em inscrever o sexo e as diferenças sexuais fora da cultura e presas à natureza. Neste sentido, Judith Butler dar os primeiros passos em direção à superação da dicotomia entre sexo e gênero e passa a ser precursora da teoria *queer*.

Segundo Miskolci (2009), a teoria *queer* tem sua gênese nos estudos culturais surgidas nos Estados Unidos na década de 1980, e elege como objeto de análise crítica a sexualidade e os desejos como constitutivas das relações sociais na contemporaneidade. Toda discussão trazida por esta vertente de pensamento se posiciona contrária aos estudos sobre minorias sexuais e de gênero por não romper com os dispositivos que normalizam suas condutas a partir da norma heterossexual. A norma que impera sobre nós constrói o próprio elemento capaz de desconstruí-lo, ao degradar o sujeito que se apresenta fora da heteronormatividade. No entanto, será este sujeito marginalizado que invocará reconhecimento, questionando o sistema que tenta materializar cotidianamente a normalização de seus corpos, passando a usá-los (os próprios corpos) como resposta da sua ineficácia pela impossibilidade de domá-los completamente.

Para exemplificar o quanto esta nova apreensão acerca do gênero preexiste dentro de um sistema que aprisiona as subjetividades no processo de colonização do sexo e dos corpos, apresento uma breve narrativa sobre a vida de E em sua luta entre a invisibilidade e a visibilidade imposta pela norma heterossexual até a efetiva subversão do seu corpo e da sua apropriação discursiva.

No ensino fundamental de uma escola pública de Salvador, na década de 1980, 04 amigxs em comum vivenciam situações distintas em razão da performatividade dos seus corpos. Todxs são moradorxs da periferia e resguardam em si uma subjetividade que não pode ser exposta à vigília da norma. No entanto, um destes jovens ao longo de 04 anos foi emparedado por um grupo de meninos que desconfiava da sua orientação sexual, chamando-o a todo o momento de “viadinho”, ao passo em que E se defendia dizendo que não era gay. Além deste traço desviante, algo incomodava o grupo dos supermachos: a visibilidade positiva de E diante do quadro de professorxs, considerado o garoto mais inteligente da Escola. Afinal, se E era “viadinho” porque todxs admiravam sua capacidade intelectual? A força deveria imperar em espaços onde o currículo oculto disseminava a norma heterossexual. Após 20 anos, dois destes amigos se encontram de forma inusitada, dentro de um ônibus. O observador da performatividade de E assombrou T, menos por se deparar com um travestir do que pela imputação das possibilidades retiradas de uma mente brilhante. T, agora consultor das Nações Unidas, cumprimenta E, e não sabe como cumprimentar, já que agora E sentia ser mulher. O se sentir mulher não era o problema chave das reflexões de T, mas a vulnerabilidade que se encontrava x amigx

A narrativa sobre a vida de E reafirma o processo contínuo de colonização dos corpos e a efetividade da escola na implantação do currículo oculto para o controle da sexualidade e das manifestações dos desejos e dos corpos. As marcas deste período de contínuo esfacelamento da subjetividade de E estão cravados em seu corpo como armas de poder que agora se voltam para enfrentar àqueles que cercearam sua voz, subvertendo e expondo o quão instável são suas técnicas e seu sistema binário.

Assim como o sexo, os corpos não só representam as expressões das práticas e dos discursos que criam verdades sobre como devemos ser nas relações sociais (normatizada) que estabelecemos nas nossas interações, como projetam novas possibilidades de verdades sobre suas existências, a partir do que Butler definiu por *performance* dentro de uma perspectiva antinormatizadora.

O desvelar da performatividade que advém dos arranjos linguísticos e da própria ideia de representação torna tal categoria um elemento cambiante na teoria butleriana por seu caráter de contingência e subversão, com foco na formação do sujeito¹⁶. O sujeito emerge da obscuridade para se autodeterminar ao ultrapassar os limites da norma e reafirmar sua indeterminação dentro das categorias pré-fixadas: gênero, gay, lésbica, travestis, transgêneros e tantas outras identidades sexuadas (SALIN,2013).

Apresentando uma proposta muito mais radical e cambiante que Butler, a filósofa espanhola Beatriz Preciado defende que o corpo por ser socialmente construído compara-se a um texto e o sistema sexo/ gênero ao sistema de escritura¹⁷. No livro “Texto Yonqui”¹⁸, Preciado desfaz totalmente o conceito de gênero afirmando que este e tantos outros são invenções e fazem parte de uma tecnologia do discurso tecnocapitalismo. A primeira ruína deste conceito foi situar o sexo

como um dado imutável, biológico e determinado num momento histórico. E a segunda ruína foi tornar o gênero, e só este, uma categoria socialmente construída, o que traz para a categoria “mulher” uma neutralidade que reafirma a mesma norma que se combate e que obscurece suas subjetividades.

Preciado de posse não só do conceito, mas de todas as sensações e transformações possíveis que podem ser impostas ao corpo – a paranoia, a ansiedade e os surtos psicóticos que tanto impactam as subjetividades, afirma que o novo regime farmacopornográfico de normalização deve ser compreendido como tecnogênero - conjunto de técnicas cirúrgicas, farmacológicas, cinematográficas e cibernéticas que constituem a performatividade e a própria materialidade do sexo, possíveis a partir de biocódigos de gênero: fluxos de hormônios, silicone, textos e demais possibilidade em que tanto a normalização quanto a diferença depende de um sistema de controle que possibilite a (re) apropriação dos usos destes fluxos (PRECIADO,2008).

Preciado, portanto, tem por base o que Foucault define por dispositivo de poder manifestado através de técnicas capazes de controlar e produzir indivíduos enquanto sujeitos de uma única identidade sexual para subverter a concepção de um corpo individual autorregulado. Ciente de que os corpos são cambiantes, Preciado (2008), assim como Butler (2003), distancia-se das abordagens essencialistas, utilizando os pressupostos da teoria da desconstrução proposta por Derrida (2004), diante do seu interesse em analisar o processo contínuo em que este indivíduo ao ocupar, assumindo sua posição de sujeito, variavelmente, produzirá instabilidades num sistema projetado para ruir.

CONCLUSÃO

De forma sucinta para os desavisados e de forma imperiosa para os mais atentos, a presença da linguagem denota captar os sentidos e os significados dos eventos na conformação discursiva do poder e reconstituir as múltiplas possibilidades do sujeito em suas identidades sexuais. Para tanto, as verdades constituídas pela norma heteronormativa não tardam em enfrentar uma oposição latente que advém das margens, obscurecida pela fábula da categoria gênero – único mensageiro capaz de irromper o sistema de dominação, mas incapaz de liberta-se por completo de uma norma que o aprisiona por também colonizar e calar a multiplicidade da sexualidade em terrenos movediços que passam a gerar os elementos necessários para a subversão.

BIBLIOGRAFIA

- BEAUVOIR, S. O segundo Sexo. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- BUTLER, J. Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.
- DERRIDA, Jacques. Gramatologia. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FOUCAULT, M. As palavras e as coisas. São Paulo, Martins Fontes, 1992.
- FOUCAULT, M. História da Sexualidade – a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza de Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 20. reimp. Rio de Janeiro, Graal, 1988. V.1.
- FOUCAULT, M. A ordem do discurso. Aula Inaugural no Collège de France, Pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. Leituras Filosóficas. 11. ed. São Paulo, Loyola, 2004.
- LOURO, G. L (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.
- LOURO, G. L. Um corpo estranho: ensaio sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.
- MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: Sociologias, nº 21. Porto Alegre, UFRGS, 2009, p. 150-182.
- NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. Estudos Feministas, v. 8, n. 2, p. 9- 22, jan. 2000. ISSN 0104026X. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11917> Acesso em: 1Mar. 2015.
- PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. Estudos Feministas, vol.19, n.1, pp. 11-20. 2011. ISSN 0104-026X. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v19n1/a02v19n1.pdf> Acesso em: 27 Abr. 2015.
- PRECIADO, Beatriz. Texto Yonki. Madrid, Espasa, 2008.
- RUBIN, G. O tráfico das mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo. Recife: SOS Corpo, 1993.
- SAFFIOTI, H. I. B. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- SALIN, S. Judith Butler e a Teoria Queer. Tradução e notas Guacira Lopes Louro. 1.ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2013.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In E. M. T. Lopes & G. L. Louro (Org). Educação & Realidade, 16, 5-22, 1990.
- STOLLER, R. Masculinidade e feminilidade: apresentação do Gênero. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.